



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 10/05/2024 e 16/05/2024

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

| | GRÃO SOJA (US\$/bushel) | FARELO SOJA (US\$/ton. curta) | ÓLEO SOJA (cents/libra peso) | TRIGO (US\$/bushel) | MILHO (US\$/bushel) |
|-------------------|----------------------------|----------------------------------|---------------------------------|------------------------|------------------------|
| 10/05/2024 | 12,05 | 367,00 | 43,81 | 6,45 | 4,55 |
| 13/05/2024 | 12,05 | 361,60 | 44,52 | 6,70 | 4,58 |
| 14/05/2024 | 11,99 | 363,60 | 42,68 | 6,57 | 4,53 |
| 15/05/2024 | 12,13 | 371,70 | 43,55 | 6,65 | 4,62 |
| 16/05/2024 | 12,16 | 368,10 | 44,48 | 6,63 | 4,57 |
| Média | 12,08 | 366,40 | 43,81 | 6,60 | 4,57 |

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

| SOJA | | |
|---------------------|--------|-----|
| RS – Nonoai | 117,00 | |
| RS – Não Me Toque | 118,00 | |
| RS – Londrina | 117,00 | |
| PR – M.C.Rondon | 117,00 | |
| MT – C.N.Parecis | 112,00 | |
| MS – Maracaju | 122,00 | |
| GO - Rio Verde | 116,00 | |
| BA – L.E.Magalhães | 115,00 | |
| MILHO(**) | | |
| Porto de Santos | 60,00 | CIF |
| Porto de Paranaguá | S/C | CIF |
| Porto de Rio Grande | S/C | |
| RS – Não-Me-Toque | 55,00 | |
| SC – Rio do Sul | 56,00 | |
| PR – M.C.Rondon | 50,00 | |
| PR – Londrina | 50,00 | |
| MT – C.N.Parecis | 36,00 | |
| MS – Maracaju | 49,00 | |
| SP – Itapetininga | 54,00 | |
| SP – Campinas | 58,00 | CIF |
| GO – Rio Verde | 45,00 | |
| GO – Jataí | 45,00 | |
| TRIGO (**) | | |
| RS – Nonoai | 62,00 | |
| RS – Não Me Toque | 64,00 | |
| PR – Londrina | 70,00 | |
| PR – M.C.Rondon | 70,00 | |

Período: 15/05/2024

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 16/05/2024**

| Produto | milho (saco 60 Kg) | soja (saco 60 Kg) | trigo (saco 60 Kg) |
|---------|-----------------------|----------------------|-----------------------|
| R\$ | 56,26 | 120,85 | 63,28 |

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
16/05/2024**

| Produto | |
|---|----------|
| Arroz em casca (saco 50 Kg) | 107,90 |
| Feijão (saco 60 Kg) | 270,34 |
| Sorgo (saco 60 Kg) | 49,00*** |
| Suíno tipo carne (Kg vivo) | 5,12 |
| Leite (litro) cota-consumo (valor líquido) | 2,34** |
| Boi gordo (Kg vivo)* | 8,16 |

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Março/24, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

A cotação da soja, em Chicago, para o primeiro mês cotado (que agora passou a ser julho), se manteve firme nesta semana. O fechamento desta quinta-feira (16) ficou em US\$ 12,16/bushel, contra US\$ 11,92 uma semana antes.

Em relação ao relatório do USDA, divulgado no dia 10/05, o mesmo trouxe a primeira projeção de safra de soja, nos EUA e mundo, para o ano 2024/25. As principais informações contidas no mesmo foram:

- 1) a projeção de safra nova nos EUA está em 121,1 milhões de toneladas, contra pouco mais de 113 milhões na última colheita;
- 2) os estoques finais estadunidenses somariam 12,1 milhões de toneladas, ou seja, 30,9% acima do estimado para o atual ano comercial;
- 3) o preço médio, a ser pago aos produtores de soja estadunidense, ficaria em US\$ 11,20/bushel, contra US\$ 12,55 projetado para o corrente ano;
- 4) a produção mundial de soja, para o próximo ano comercial, está projetada em 422,3 milhões de toneladas, contra 397 milhões no atual ano comercial;
- 5) os estoques finais mundiais estão projetados em 128,5 milhões de toneladas, contra 111,8 milhões em 2023/24;
- 6) a produção do Brasil, da Argentina e do Paraguai estão projetadas, respectivamente, em 169, 51 e 10,7 milhões de toneladas para 2024/25.

Nota-se, portanto, que o relatório foi baixista para as cotações da soja em Chicago, embora, no curto prazo, isso não tenha ainda sido registrado naquela Bolsa devido aos problemas climáticos no sul do Brasil, e as novas perdas na atual safra, assim como as dúvidas sobre a tendência dos juros nos EUA (juro elevado implica em menos atuação dos Fundos em Chicago, acarretando recuo nas cotações, e vice-versa).

Dito isso, até o dia 12/05 a área semeada com soja, nos EUA, alcançava a 35% do total esperado, vindo abaixo das expectativas do mercado, que eram de 39%. A média histórica é de 34%. Naquela data, 16% das lavouras plantadas estavam com soja germinada. Por sua vez, o Estado de Illinois, maior produtor daquele país, chegava a apenas 39% da área semeada, contra a média de 43%.

Pelo lado das exportações, na semana encerrada em 09/05, os EUA embarcaram 406.052 toneladas, ficando um pouco acima do esperado pelo mercado. Com isso, o total exportado no atual ano comercial alcança, agora, 39,5 milhões de toneladas, ou seja, 18% abaixo do realizado no mesmo período do ano anterior.

Em paralelo, a Associação Nacional dos Processadores de Oleaginosas dos EUA apontou que o esmagamento de soja, nos EUA, atingiu a 4,52 milhões de toneladas em abril, ficando abaixo do esperado pelo mercado e bem abaixo do realizado em março, quando o volume triturado atingiu a 5,35 milhões. Na comparação com abril do ano anterior, o recuo foi de 4,2% no volume esmagado, sendo que este total de abril do

corrente ano foi o terceiro menor para o mês na história estadunidense. A Associação também divulgou os estoques de óleo de soja, apontando um recuo de 5,2% nos mesmos em relação a março e abaixo do esperado pelo mercado.

E no Brasil, diante de um Chicago um pouco mais aquecido e de um câmbio que voltou a valorizar o Real (R\$ 5,10 por dólar em alguns momentos da semana), os preços da soja ficaram relativamente estáveis, melhorando na média, porém, baixando junto às principais praças. Assim, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 120,85/saco, enquanto as principais praças rio-grandenses fecharam entre R\$ 117,00 e R\$ 118,00/saco. Já nas demais regiões do país os preços oscilaram entre R\$ 112,00 e R\$ 122,00/saco.

Enfim, diante dos enormes estragos provocados pelas enchentes no Rio Grande do Sul, o mercado da soja revê, a cada semana, o volume a ser produzido no Estado e também no Brasil nesta última safra. Como já informado na semana anterior, o RS deverá ficar com uma produção ao redor de 19 milhões de toneladas, pois grande parte dos 30% que faltavam colher no Estado, quando iniciaram as atuais intempéries, foi perdida. Diante disso, a produção final brasileira ficaria entre 145 e 150 milhões de toneladas, porém, existem analistas adiantando a possibilidade de uma safra final até mesmo menor do que 140 milhões de toneladas. Afinal, as perdas não foram somente nas lavouras. É preciso contabilizar, igualmente, o que se perdeu dentro dos silos no Estado gaúcho, algo que ainda não há elementos suficientes para quantificar com maior precisão.

MERCADO DO MILHO

A cotação do milho em Chicago, para o primeiro mês cotado (que agora passou a ser julho), se manteve estável, com viés de alta, nesta semana. O fechamento desta quinta-feira (16) ficou em US\$ 4,57/bushel, contra US\$ 4,42 uma semana antes.

O relatório do USDA, do dia 10, trouxe as primeiras projeções de safra para o ano 2024/25. Os principais dados foram:

- 1) a produção dos EUA fica projetada em 377,5 milhões de toneladas, contra 389,7 milhões nesta última colheita;
- 2) mesmo assim, os estoques finais estadunidenses, do cereal, aumentariam para 53,4 milhões de toneladas, após a estimativa de 51,4 milhões no corrente ano comercial;
- 3) o preço médio aos produtores estadunidenses de milho ficaria em US\$ 4,40/bushel, contra a estimativa de US\$ 4,65 para 2023/24;
- 4) a produção mundial de milho somaria 1,22 bilhão de toneladas, contra 1,23 bilhão estimada para o corrente ano comercial;
- 5) já os estoques finais mundiais chegariam a 312,3 milhões de toneladas, contra 313,1 milhões em 2023/24;

6) a produção brasileira e argentina de milho está projetada, respectivamente, em 127 e 51 milhões de toneladas para 2024/25;

7) e as exportações brasileiras de milho, no novo ano comercial, chegariam a 49 milhões de toneladas.

Dito isso, até o dia 12/05 os EUA haviam semeado 49% da área esperada de milho, contra 54% na média histórica. Na mesma data, 23% das lavouras já estavam germinando, contra 21% na média.

Em relação às exportações, na semana encerrada em 09/05, os EUA embarcaram 937.729 toneladas do cereal, ficando dentro das expectativas do mercado. Com isso, os embarques totais, no atual ano comercial, atingiram a 33,9 milhões de toneladas, ou seja, 30% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

Já no Brasil, os preços do cereal voltaram a subir no Rio Grande do Sul, diante das perdas provocadas pelas enchentes, porém, se mantiveram relativamente estáveis no restante do país, embora o viés seja de alta. A registrar o fato de que no porto de Santos o produto voltou à casa dos R\$ 60,00/saco. Assim, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 56,26/saco, enquanto as principais praças locais trabalharam com R\$ 55,00. No restante do país, os preços do milho oscilaram entre R\$ 36,00 e R\$ 56,00/saco.

E pelo lado das exportações brasileiras de milho, a Secex indicou que, até a segunda semana de maio, o país embarcou 96.650 toneladas de milho, sendo este volume 25,1% do total exportado pelo país em todo o mês de maio do ano passado. A média diária de embarques, no período, ficou em recuo de 21,1% sobre maio do ano passado. Estes números vão confirmando a tendência de que o Brasil irá exportar bem menos milho do que no ano passado. Para a Céleres Consultoria o volume do corrente ano ficaria entre 45 e 46 milhões de toneladas, porém, há analistas apontando a possibilidade de o número final ficar bem abaixo disso, ao redor de 25 a 30 milhões de toneladas.

Por sua vez, a Conab, em seu informativo de maio, indicou que a segunda safra de milho está com 14,1% das lavouras em maturação e 58,9% em enchimento de grãos. Há problemas climáticos no Paraná e Mato Grosso do Sul. Segundo o órgão público, a colheita da safra de verão ainda teria 32% da área para ser colhida no país.

Especificamente no Paraná, o Deral confirma os prejuízos climáticos, apontando que 29% das lavouras da safrinha local estão em condições médias e 14% ruins, sendo que 16% do total estão em maturação. Além do Centro-Oeste, também no Paraná as primeiras lavouras da safrinha iniciaram a colheita neste momento.

E no Mato Grosso, segundo o Imea, a comercialização do milho segunda safra continua atrasada “tanto para a safra passada 2022/23, quanto para o ciclo atual 2023/24 e para a próxima temporada 2024/25”. No final de abril, 97% da safra passada havia sido vendida, mesmo com um aumento de 5,08% no preço médio do produto. Já para o milho da safra 2023/24 havia sido negociado 33,3% do total estimado para a produção, contra 61,9% registrado na média para esta data. Enfim, as vendas relativas à futura safra atingem a apenas 1,6% da produção esperada.

E no Mato Grosso do Sul, segundo a Famasul, 59% das lavouras da safrinha estão em boas condições, 19,6% regulares e 21,3% em condições ruins. Com isso, as estimativas de plantio são de 2,2 milhões de hectares, ou seja, 5,8% a menos do que no ano anterior, com uma produtividade média de 86,3 sacos por hectare, isto é, 14,2% abaixo do registrado no ano anterior, e uma produção final de 11,4 milhões de toneladas, o que significa 19,2% abaixo do colhido em 2023.

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo em Chicago, para o primeiro mês cotado (que agora passou a ser julho), apresentou altas importantes durante a semana. O fechamento desta quinta-feira (16) ficou em US\$ 6,63/bushel, contra US\$ 6,19 uma semana antes.

O relatório do USDA, do dia 10, trouxe as primeiras projeções de safra para o ano 2024/25. Os principais dados foram:

- 1) a produção dos EUA fica projetada em 50,6 milhões de toneladas, contra 49,3 milhões nesta última colheita;
- 2) mesmo assim, os estoques finais estadunidenses, do cereal, aumentariam para 20,8 milhões de toneladas, após a estimativa de 18,7 milhões no corrente ano comercial;
- 3) o preço médio aos produtores estadunidenses de trigo ficaria em US\$ 6,00/bushel, contra a estimativa de US\$ 7,10 para 2023/24;
- 4) a produção mundial de trigo somaria 798,2 milhões de toneladas, contra 787,7 milhões estimada para o corrente ano comercial;
- 5) já os estoques finais mundiais chegariam a 253,6 milhões de toneladas, contra 257,8 milhões em 2023/24;
- 6) a produção brasileira e argentina de trigo está projetada, respectivamente, em 9,5 e 17 milhões de toneladas para 2024/25;
- 7) e as exportações argentinas de trigo, no novo ano comercial, chegariam a 11,5 milhões de toneladas.

Dito isso, as recentes altas do trigo em Chicago se devem, em especial, a reviravolta no quadro da produção russa, onde fala-se, agora, em perdas na safra local de trigo em função das geadas. Lembrando que a Rússia é o principal exportador mundial do cereal. A consultoria russa IKAR reduziu a produção final local de 91 milhões para 86 milhões de toneladas, cortando as exportações de 50,5 milhões para 47 milhões de toneladas para este ano comercial.

Enquanto isso, nos EUA, 50% das lavouras do trigo de inverno estavam entre boas a excelentes condições até o dia 12/05. Já o trigo de primavera informou que o plantio foi concluído em 61% da área, havendo 25% destas lavouras já germinadas.

E pelo lado das exportações, na semana encerrada em 09/05, os EUA embarcaram 366.339 toneladas de trigo, ficando o volume dentro do esperado pelo mercado. Com isso, o total já exportado no atual ano comercial perfaz 17,6 milhões de toneladas, ou seja, 6% a menos do que o realizado em igual momento do ano passado.

E no Brasil, como era esperado, os preços do produto de qualidade superior seguem subindo. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 63,28/saco, enquanto no Paraná o produto atingiu, pela primeira vez depois de muito tempo, os R\$ 70,00/saco.

Ajudou neste comportamento o fato de os analistas privados reverem as estimativas de produção nacional para a safra 2024/25. A mesma ficaria, agora em 8,59 milhões de toneladas, ou seja, longe das expectativas mais otimistas, que chegaram a indicar até 10 milhões de toneladas (cf. StoneX). Boa parte desta nova postura do mercado vem da situação do Rio Grande do Sul, tanto pelo lado das condições de plantio, quanto pelo lado da logística, cujas enchentes destruíram. Além disso, as dificuldades financeiras dos produtores, nos últimos cinco anos, vêm aumentando consideravelmente com as perdas climáticas no verão e no inverno. Sem falar no forte recuo de preço dos grãos nos últimos 18 meses.

Assim, a estimativa de importação, para o novo ano comercial brasileiro, passa para 6,25 milhões de toneladas de trigo.

De forma mais pontual, o mercado de trigo, no Brasil, e particularmente no Rio Grande do Sul, está praticamente parado. E para quem tem trigo superior, particularmente no Paraná, que não foi atingido pelas enchentes, o fato de poder haver maiores importações leva os produtores locais a “segurarem seu produto à espera de momentos mais atrativos para negociar”. É bom lembrar que a principal região produtora de trigo no RS não foi atingida pelas enchentes severas, porém, o sistema de transporte, moagem, e silos o foi. “Além das comunidades no entorno das fábricas, há funcionários das empresas que estão desabrigados em função das enchentes.”(cf. Safras & Mercado) Diante disso, a tendência é de os preços do cereal continuarem subindo. Mesmo porque, até o produto importado no RS vem tendo enormes perdas devido às enchentes. Lembrando que a janela de plantio do trigo no RS começou em 1º de maio e as chuvas, até agora, atrasam totalmente o mesmo. E há, ainda, o problema da logística para que os insumos cheguem até as propriedades rurais.

Assim, enquanto espera-se um aumento na produção mundial de trigo, mesmo com os problemas na Rússia, aqui no Brasil a produção tende a ser menor do que o esperado, exigindo atenção dos produtores e da cadeia produtiva do cereal. Especialmente no caso do Rio Grande do Sul a atenção deve ser redobrada e nas próximas semanas teremos um quadro mais claro da realidade local.

Segundo a Conab, em relação ao plantio nacional do trigo deste ano, tem-se o seguinte:

- Goiás está mais adiantado, com lavouras já em enchimento de grãos, embora esteja faltando chuvas. Neste Estado o plantio estaria em 80% da área no início da corrente semana, contra 90% no mesmo período do ano anterior;
- Minas Gerais acompanha Goiás, com lavouras já em floração, embora também esteja faltando chuvas. O plantio está estável, atingindo 95% da área, contra 97,4% registrados no ano anterior;

- Paraná e Mato Grosso do Sul apresentam temperaturas acima da média igualmente, com problemas em algumas lavouras. No Paraná a área semeada chegava a 27% do esperado, contra 39% na safra anterior nesta época. Já no Mato Grosso do Sul, a área semeada atingia a 71%, contra 87% no ano anterior, nesta época.
- em termos nacionais, o plantio já atingiria 21% da área esperada, estando atrasado em 4,3% em relação ao mesmo período do ano passado;
- Santa Catarina e Rio Grande do Sul praticamente ainda não iniciaram o plantio, estando atrasados devido às intempéries;
- na Bahia ainda não houve plantio, contra 90% no ano passado nesta época, lembrando que área neste Estado é pequena;
- em São Paulo, plantio em 40% da área esperada, contra 65% no mesmo período do ano anterior. (cf. Conab in: Agrolink)